

# Domingo XXXIII do Tempo Comum - Ano B – 17.11.2024

## VIII Dia Mundial dos Pobres



### Viver a Palavra

Viajando de transportes públicos ou permanecendo por algum tempo numa qualquer sala de espera de um local público onde passam as notícias, depressa se fazem sentir vozes de desilusão e descontentamento, afirmando a necessidade de um mundo novo e diferente. Queremos um mundo melhor, onde cada homem e cada mulher sejam verdadeiramente felizes! A nossa esperança deve encher-se de alegria, porque este é também o desejo de Deus. O Deus do Amor, da Alegria e da Vida sonhou-nos para a felicidade, pela construção de um mundo novo e diferente com a marca do amor que se faz entrega generosa ao serviço dos irmãos.

Por isso, não nos devem assustar as palavras de Jesus: *«naqueles dias, depois de uma grande aflição, o sol escurecerá e a lua não dará a sua claridade; as estrelas cairão do céu e as forças que há nos céus serão abaladas. Então, hão-de ver o Filho do homem vir sobre as nuvens, com grande poder e glória. Ele mandará os Anjos, para reunir os seus eleitos dos quatro pontos cardeais, da extremidade da terra à extremidade do céu»*. Na verdade, não são nenhuma profecia do «fim do mundo», nem um modo pedagógico de nos atemorizar para nos conduzir à conversão. Não é de terror que trata o Evangelho, mas de amor e misericórdia. Estas palavras são a certeza de que as realidades deste mundo, por maiores que elas possam parecer, são passageiras e efémeras, ao invés do amor de Deus e da Sua Palavra que permanecem como verdadeira luz que conduz a nossa história.

Por isso, temos muito a aprender com a parábola da figueira que enche o nosso coração da verdadeira esperança cristã. A esperança que brota da nossa fé não é uma esperança oca ou vazia, porque possui a consistência de um rosto: o rosto terno e misericordioso de Jesus Cristo, Aquele que *«tendo oferecido pelos pecados um único sacrifício, sentou-Se para sempre à direita de Deus»*.

O Mestre ensina-nos a parábola da figueira cujos ramos tenros e folhas verdes anunciam a chegada do Verão. Coisas tenras e ternas são as que anuncia Jesus, pois a figueira que começa a brotar na Primavera, anuncia o ressurgir da natureza após o Inverno. A fé cristã recorda-nos que depois de descobrir Jesus Cristo e o seu Evangelho a nossa vida ressurgue e ganha uma vida absolutamente nova. Por isso, não é o medo do que vai acabar que fica sublinhado neste Evangelho, mas a expectativa feliz da novidade de Deus, que em Jesus Cristo irrompe na nossa vida e transforma o mundo, transformando o coração de cada discípulo missionário.

*«Quando virdes acontecer estas coisas, sabei que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta»*. Quando as dificuldades surgem no nosso caminho, quando tudo parece perdido, quando o mundo parece desabar sobre nós, recordemos que Jesus está próximo, que Ele não é indiferente às nossas dores e angústias, mas Ele próprio as assumiu na Sua vida, abraçando a Cruz para nossa salvação.

Por isso, o único «fim do mundo» que a Liturgia da Palavra nos propõe é o fim de um mundo marcado pelo egoísmo e pela violência, pela nossa autossuficiência e pela indiferença, para que possa despontar um mundo novo, marcado pelo amor e pela misericórdia. Deste modo, o mundo tornar-se-á um lugar mais belo, pois como recorda a profecia de Daniel, quando nos abrimos à verdadeira sabedoria a nossa vida torna-se um rasto luminoso que aponta o caminho do Céu: *«os sábios resplandecerão como a luz do firmamento e os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça brilharão como estrelas por toda a eternidade»*. *in Voz Portucalense*.

+++++

No Domingo XXXIII do Tempo Comum, assinala-se o VIII Dia Mundial dos Pobres. Para este ano o Papa Francisco escreveu uma mensagem intitulada *«A oração do pobre eleva-se até Deus (cf. Sir 21, 5)»* (ver anexo). No ano dedicado à oração, em vista ao Jubileu da Esperança de 2025, o Papa Francisco desafia-nos a

viver a partir da esperança cristã que transforma a nossa oração num lugar de confiança: «a esperança cristã inclui também a certeza de que a nossa oração chega à presença de Deus; não uma oração qualquer, mas a oração do pobre». Além da divulgação desta mensagem, este Domingo é uma ocasião privilegiada para recordar o nosso compromisso cristão com os mais frágeis e desfavorecidos. Pode dar-se a conhecer os diversos grupos e movimentos paroquiais que trabalham ao serviço dos mais pobres, mas sem esquecer que a caridade não é uma tarefa de alguns ou apenas de um grupo, mas de toda a comunidade. *in Voz Portucalense*.

+++++

Continuamos no ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

**Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos.** Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

### **LEITURA I – Daniel 12,1-3**

**Naquele tempo, surgirá Miguel, o grande chefe dos Anjos,  
que protege os filhos do teu povo.  
Será um tempo de angústia,  
como não terá havido até então, desde que existem nações.  
Mas nesse tempo, virá a salvação para o teu povo,  
para aqueles que estiverem inscritos no livro de Deus.  
Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão,  
uns para a vida eterna,  
outros para a vergonha e o horror eterno.  
Os sábios resplandecerão como a luz do firmamento  
e os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça  
brilharão como estrelas por toda a eternidade.**

#### **CONTEXTO**

Em 333 a.C., Alexandre da Macedónia derrotou Dario III, rei dos Persas, na batalha de Issos (Síria). A Palestina, até aí sob o domínio dos Persas, ficou integrada no império de Alexandre. Quando Alexandre morreu, em 323 a.C., os seus generais disputaram entre si a sucessão. A Palestina passou a ser pomo de discórdia entre a família dos Ptolomeus, que governava o Egipto, e a família dos Selêucidas, que governava a Mesopotâmia e a Síria. Num primeiro momento, os Ptolomeus asseguraram o domínio da Palestina e da Síria; mas o selêucida Antíoco III, aliado com Filipe V da Macedónia, acabou por vencer os Ptolomeus (batalha das fontes do Jordão, no ano 200 a.C.) e por conquistar o domínio da Palestina.

Se o período ptolomaico tinha sido uma época de relativa benevolência para com a cultura judaica, a situação mudou radicalmente durante o reinado do selêucida Antíoco IV Epífanes (174-164 a.C.). Este rei querendo impor a cultura helénica em todo o seu império, praticou uma política de intolerância para com a cultura e a religião judaicas. A perseguição foi dura e as marcas da intolerância selêucida provocaram feridas muito graves no universo social e religioso judaico. Se muitos judeus renegaram a sua fé e assumiram os valores helénicos, muitos outros resistiram, defenderam a sua identidade cultural e religiosa. Uns optaram abertamente pela insurreição armada (como foi o caso de Judas Macabeu e dos seus heroicos seguidores); outros, contudo, optaram por fazer frente à prepotência dos reis helénicos com a sua palavra e os seus escritos.

O Livro de Daniel surge neste contexto. O seu autor é um judeu fiel à cultura e aos valores religiosos dos seus antepassados. A pretexto de contar a história de um tal Daniel, um judeu exilado na Babilónia, que soube manter a sua fé num ambiente adverso de perseguição, o autor do Livro de Daniel pede aos seus concidadãos que não se deixem vencer pela perseguição de Antíoco IV Epífanes e que se mantenham fiéis à religião e aos valores dos seus pais. O autor garante aos seus concidadãos que Deus não abandonará o seu Povo e que recompensará todos aqueles que se mantiveram fiéis à Lei e aos mandamentos. Estamos na primeira metade do séc. II a.C., pouco antes do desaparecimento de cena de Antíoco (que aconteceu em 164 a.C.).

No livro de Daniel misturam-se géneros literários diversos. Os capítulos 7 a 12 (que incluem o breve texto que a liturgia nos propõe como primeira leitura neste trigésimo terceiro domingo comum) pertencem ao género apocalíptico. “Apocalipse” significa “revelação”. Servindo-se de um género literário que recorre abundantemente a símbolos (números, cores, animais, plantas...) e a uma linguagem cifrada (que os destinatários da mensagem conhecem, mas que os perseguidores ignoram), o autor propõe-se comunicar “revelações” sobre o projeto de Deus, o protagonismo de Deus sobre a história, a luta de Deus contra o mal, a vitória final de Deus sobre os

impérios humanos. Em tempo de perseguição e de crise, o objetivo do autor é restaurar a esperança e assegurar ao Povo a vitória de Deus e dos seus fiéis sobre os opressores. *in Dehonianos*

## **INTERPELAÇÕES**

- A mensagem de esperança que o autor do livro de Daniel procura transmitir dirige-se a judeus desanimados, que sofrem na pele a perseguição que lhes é movida pelo ímpio Antíoco IV Epífanes e que se sentem impotentes para romper a cadeia de sofrimento e de morte que lhes é imposta. Talvez a nossa situação não seja tão dramática; mas não é verdade que muitas vezes nos sentimos desanimados e impotentes perante o predomínio dos maus, dos violentos, dos opressores, daqueles que tomam as rédeas do mundo e impõem aos outros os seus esquemas injustos e egoístas? Não é verdade que por vezes nos apetece desistir dos nossos valores, pois o mundo parece funcionar segundo esquemas onde esses valores não cabem? A mensagem que o autor do livro de Daniel deixa poderá ser, também para nós, uma refrescante mensagem de esperança: Deus é o Senhor da história; Ele não desiste de lutar contra tudo aquilo que impede os seus queridos filhos de serem livres e felizes; a vitória final não será dos maus, dos injustos, dos opressores, mas será de Deus e de todos aqueles que se mantiverem fiéis a Deus. Acreditamos nisto? Confiamos em Deus e na sua intervenção salvadora, mesmo quando parece que os maus prevalecem e têm nas mãos o domínio da história dos homens?
- A “perseguição” por causa da fidelidade aos valores em que acreditamos é uma realidade que todos conhecemos e que faz parte de qualquer existência verdadeiramente comprometida. Hoje, essa “perseguição” nem sempre é sangrenta; manifesta-se, muitas vezes, em atitudes de marginalização ou de rejeição, em ditos humilhantes, em atitudes provocatórias, na colagem de “rótulos” (“conservadores”, “atrasados”, “fora de moda”), em julgamentos apressados e injustos, em preconceitos ridículos... Ora, tudo isso pode não matar, mas mói e cansa: faz-nos sofrer e pode levar-nos ao desânimo. Como lidamos com a oposição, a rejeição, a condenação de que somos alvo quando insistimos em viver de acordo com os valores em que acreditamos? Mantemo-nos fiéis aos nossos princípios e aos valores sobre os quais assenta a nossa fé? Ou a incompreensão dos nossos contemporâneos é fator de enfraquecimento das nossas convicções e de quebra dos nossos compromissos com Deus?
- A oposição e a incompreensão do “mundo” podem gerar, da nossa parte, uma resposta agressiva e levarem a um corte da nossa relação com o mundo. Será essa a melhor resposta à incompreensão que “o mundo” nos tributa? Poderemos continuar a ser “sal da terra e luz do mundo” se cortarmos as pontes que nos ligam ao mundo? Poderemos continuar a propor o Evangelho ao mundo se, magoados pelas críticas e incompreensões que temos de suportar, nos escondermos atrás dos muros dos nossos templos e nos limitarmos a condenar esse mundo fútil que não nos entende? Talvez o caminho seja continuarmos a afirmar, de forma humilde, mas convicta, os valores em que acreditamos, com a certeza que o nosso testemunho há de interpelar alguém e há de produzir frutos de renovação do mundo e das mentalidades. Como é que lidamos com a hostilidade do mundo?
- O autor do livro de Daniel promete a vida eterna àqueles que procuraram viver na fidelidade aos valores de Deus. A certeza de que a vida não acaba na morte liberta-nos do medo e dá-nos a coragem do compromisso. Podemos, serenamente, enfrentar neste mundo as forças da opressão e da morte, porque sabemos que elas não conseguirão derrotar-nos: no final da nossa caminhada por este mundo, está sempre a vida eterna e verdadeira, que Deus reserva para os que estão “inscritos no livro da vida”. A certeza da ressurreição é, para nós, a fonte de onde brota a coragem para enfrentarmos a vida, as vicissitudes do caminho, a incompreensão dos homens? *in Dehonianos*.

## **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 15 (16)**

**Refrão 1: Defendei-me, Senhor: Vós sois o meu refúgio.**

**Refrão 2: Guardai-me, Senhor, porque esperei em Vós.**

**Senhor, porção da minha herança e do meu cálice,  
está nas vossas mãos o meu destino.**

**O Senhor está sempre na minha presença,  
com Ele a meu lado não vacilarei.**

**Por isso o meu coração se alegra e a minha alma exulta  
e até o meu corpo descansa tranquilo.**

**Vós não abandonareis a minha alma na mansão dos mortos,  
nem deixareis o vosso fiel sofrer a corrupção.**

**Dar-me-eis a conhecer os caminhos da vida,  
alegria plena em vossa presença,  
delícias eternas à vossa direita.**

**LEITURA II – Hebreus 10,11-14.18**

**Todo o sacerdote da antiga aliança  
se apresenta cada dia para exercer o seu ministério  
e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios,  
que nunca poderão perdoar os pecados.  
Cristo, ao contrário,  
tendo oferecido pelos pecados um único sacrifício,  
sentou-Se para sempre à direita de Deus,  
esperando desde então que os seus inimigos  
sejam postos como escabelo dos seus pés.  
Porque, com uma única oblação,  
Ele tornou perfeitos para sempre os que Ele santifica.  
Onde há remissão dos pecados,  
já não há necessidade de oblação pelo pecado.**

#### **CONTEXTO**

A “Carta aos Hebreus” (mais do que uma “carta”, é uma “homilia”) destina-se a comunidades cristãs que vivem dias complicados... À falta de entusiasmo de muitos dos seus membros na vivência do compromisso cristão, junta-se a hostilidade dos inimigos e as confusões causadas à fé comunitária por certos pregadores pouco ortodoxos que ensinam doutrinas estranhas, que não são coerentes com as propostas de Jesus. São, portanto, comunidades fragilizadas, cansadas e desalentadas, que necessitam de redescobrir o seu entusiasmo inicial, de revitalizar o seu compromisso com Cristo e de apostar numa fé mais coerente e mais empenhada.

Nesse sentido, um “mestre” cristão (talvez um discípulo do apóstolo Paulo) dispõe-se a apresentá-lhes o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência, cuja missão é pôr os crentes em relação com o Pai e inseri-los nesse Povo sacerdotal que é a comunidade cristã. Uma vez comprometidos com Cristo, os crentes são chamados a fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor. Desta forma, o autor oferece aos cristãos um aprofundamento e uma ampliação da fé primitiva, capaz de revitalizar uma experiência de fé enfraquecida pela hostilidade do ambiente, pela acomodação, pela monotonia e pelo arrefecimento do entusiasmo inicial. As referências ao culto praticado no templo de Jerusalém como uma realidade ainda vigente parecem sugerir que esta “Carta” foi escrita antes de o templo ser destruído pelos romanos, no ano 70.

O texto que nos é proposto é parte da conclusão da reflexão sobre o sacerdócio de Cristo (cf. Heb 10,1-18). Nessa perícopé, o autor repete temas desenvolvidos nos capítulos precedentes, procurando, uma vez mais, pôr em relevo a dimensão salvadora da missão sacerdotal de Jesus. O objetivo é despertar no coração dos crentes uma resposta adequada ao amor de Deus, manifestado na ação de Jesus. *in Dehonianos*

#### **INTERPELAÇÕES**

- O pecado é sempre um “não” a Deus, dito conscientemente por homens e mulheres que prescindem das indicações de Deus e decidem escolher caminhos de egoísmo e de autossuficiência. Não nos faz sentir bem, nem nos torna mais livres; pelo contrário, pesa intoleravelmente na nossa consciência, inquieta o nosso coração, altera o nosso equilíbrio, rouba-nos a paz, torna-nos escravos, leva-nos por caminhos que não nos realizam. Resulta da nossa fragilidade, do nosso egoísmo crónico, da nossa dificuldade em discernir o que nos torna felizes e o que nos torna infelizes. Será uma realidade inultrapassável, à qual estaremos fatalmente condenados? Afetar a nossa realização plena, o nosso encontro final com Deus? A segunda leitura deste trigésimo terceiro domingo comum garante-nos que Deus não abandona o homem que faz, mesmo conscientemente, opções erradas. O nosso egoísmo, o nosso orgulho, a nossa autossuficiência, o nosso comodismo, o nosso pecado, não têm a última palavra; a última palavra é sempre do amor de Deus e da sua vontade de salvar o homem. Deus está sempre disponível para nos justificar, para nos abraçar e para nos acolher. A consciência do amor e do perdão de Deus ajuda-nos a enfrentar e a superar a nossa fragilidade? A certeza da misericórdia de Deus liberta-nos da angústia com que o pecado nos carrega e oprime?
- Jesus, o Filho amado de Deus, veio ao mundo para concretizar o projeto salvador de Deus: libertar-nos da escravidão do pecado e inserir-nos numa dinâmica de vida eterna. Com a sua vida, com os seus gestos, com as suas palavras, Ele ensinou-nos a vencer o egoísmo e a fazer da nossa vida um dom de amor a Deus e aos irmãos. No dia em que aderimos a Jesus – o dia do nosso Batismo –, renunciamos ao pecado, acolhemos o projeto de vida que Jesus nos apresentou e passámos a integrar a comunidade dos filhos de Deus. Trata-se de um compromisso sério e exigente, que necessita de ser continuamente renovado. O nosso compromisso com Jesus e com a sua proposta de vida exige que, como Ele, vivamos na escuta de Deus e na obediência ao seu projeto; exige que vivamos no amor, na partilha, no serviço, se necessário até ao dom total da vida; exige que lutemos, sem desanimar, contra tudo aquilo que rouba a vida do homem e o impede de chegar à vida plena; exige que sejamos, no meio do mundo, testemunhas de uma dinâmica nova – a dinâmica do amor. A nossa vida tem sido coerente com esse compromisso?

- A sociedade que temos vindo a construir está armadilhada com “estruturas de pecado”, que ajudam a perpetuar as injustiças, a potenciar as violências sobre os mais débeis, a criar exclusão e marginalização, a destruir a dignidade de muitos homens e mulheres. São estruturas, mecanismos, práticas, instituições, ideologias, que banalizam a indiferença, desumanizam mais e mais o nosso mundo, multiplicam o sofrimento de milhões e milhões de irmãos nossos. São utilizadas pelos donos do mundo para favorecer projetos egoístas, interesses pessoais, planos ambiciosos de pessoas sem escrúpulos, preocupadas apenas consigo mesmas a não com o bem comum. Como nos situamos frente a essas “estruturas de pecado”? Aceitámo-las enquanto elas não nos afetam diretamente, ou lutamos contra elas com todas as nossas forças? Seremos alguma peça dessas máquinas de injustiça que contribuem para aumentar o pecado do mundo? *in Dehonianos*.

## **EVANGELHO – Marcos 13,24-32**

**Naquele tempo,**

**disse Jesus aos seus discípulos:**

**«Naqueles dias, depois de uma grande aflição,  
o sol escurecerá e a lua não dará a sua claridade;**

**as estrelas cairão do céu**

**e as forças que há nos céus serão abaladas.**

**Então, não de ver o Filho do homem vir sobre as nuvens,  
com grande poder e glória.**

**Ele mandará os Anjos,**

**para reunir os seus eleitos dos quatro pontos cardeais,  
da extremidade da terra à extremidade do céu.**

**Aprendeí a parábola da figueira:**

**quando os seus ramos ficam tenros e brotam as folhas,  
sabeis que o Verão está próximo.**

**Assim também, quando verdes acontecer estas coisas,  
sabei que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta.**

**Em verdade vos digo:**

**Não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.**

**Passará o céu e a terra,**

**mas as minhas palavras não passarão.**

**Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém os conhece:**

**nem os Anjos do Céu, nem o Filho;**

**só o Pai».**

### **CONTEXTO**

Jesus tinha passado o dia no templo de Jerusalém. Tinha sido o dia dos “ensinamentos” e das polémicas com os líderes judaicos (cf. Mc 11,20-12,44). No final desse dia, Jesus dirigiu-se novamente para Betânia, rodeado pelos discípulos. Detiveram-se no “Jardim das Oliveiras”, a contemplar Jerusalém, que ficava defronte. Pouco antes, em resposta a uma observação de um dos discípulos sobre a grandiosidade do templo e das suas pedras, Jesus tinha dito que o templo seria destruído e que não ficaria pedra sobre pedra (cf. Mc 13,1-2). Agora, olhando a cidade, Pedro, André, Tiago e João (cf. Mc 13,3) pedem explicações mais concretas a Jesus acerca do que Ele tinha dito sobre a destruição do templo. Em resposta, Jesus oferece-lhes um amplo e enigmático ensinamento, que ficou conhecido como o “discurso escatológico” (cf. Mt 13,4-37).

O “discurso escatológico” de Jesus é um texto difícil, uma vez que emprega imagens e linguagens marcadas por alusões enigmáticas, bem ao jeito do género literário “apocalipse”. Nele confluem elementos de carácter histórico – a anunciada destruição de Jerusalém e do templo ocorrerá quarenta anos depois, no ano 70, quando as tropas romanas de Tito tomarem a cidade e a incendiarem – com reflexões de carácter profético sobre o sentido da história humana no seu conjunto. O objetivo do discurso seria dar aos discípulos indicações acerca da atitude a tomar frente às vicissitudes que marcarão a caminhada histórica da comunidade, até ao momento em que Jesus vier para instaurar, em definitivo, o novo céu e a nova terra.

Os quatro discípulos referenciados no início do “discurso escatológico” representam a comunidade cristã de todos os tempos. Os quatro são, precisamente, os primeiros discípulos chamados por Jesus (cf. Mc 1,16-20) e, como tal, convertem-se em representantes de todos os futuros discípulos. O discurso escatológico de Jesus não seria, assim, uma mensagem privada destinada a um grupo especial, mas uma mensagem destinada a toda a comunidade crente, chamada a caminhar na história com os olhos postos no encontro final com Jesus e com o Pai.

A missão que Jesus (que está consciente de ter chegado a sua hora de partir ao encontro do Pai) confia à sua comunidade não é uma missão fácil... Jesus sabe que os seus discípulos terão que enfrentar as dificuldades, as perseguições, as tentações que “o mundo” vai colocar no seu caminho. Essa comunidade em marcha pela história necessitará, portanto, de estímulo e de alento. É por isso que surge este apelo à fidelidade,

à coragem, à vigilância... No horizonte último da caminhada da comunidade, Jesus coloca o final da história humana e o reencontro definitivo dos discípulos com Ele.

O “discurso escatológico” divide-se em três partes, antecedidas de uma introdução (cf. Mc 13,1-4). Na primeira parte (cf. Mc 13,5-23), o discurso anuncia uma série de vicissitudes que vão marcar a história e que requerem dos discípulos a atitude adequada: vigilância e lucidez. Na segunda parte, o discurso anuncia a vinda definitiva do Filho do Homem e o nascimento de um mundo novo a partir das ruínas do mundo velho (cf. Mc 13,24-27). Na terceira parte, o discurso anuncia a incerteza quanto ao “tempo” histórico dos eventos anunciados e insiste com os discípulos para que estejam sempre vigilantes e preparados para acolher o Senhor que vem (cf. Mc 13,28-37). O texto evangélico que a liturgia deste trigésimo terceiro domingo comum nos propõe apresenta, precisamente, a segunda parte e alguns versículos da terceira parte do “discurso escatológico”. *in Dehonianos*

### **INTERPELAÇÕES**

- Ver os telejornais ou escutar os noticiários é, com frequência, uma experiência que nos desassossega e que nos deprime. Os dramas da “aldeia global” que é o mundo entram em nossa casa, sentam-se à nossa mesa, perturbam a nossa tranquilidade, escurecem os nossos horizontes. A guerra, a opressão, a injustiça, a miséria, a escravidão, o egoísmo, o desprezo pela dignidade dos seres humanos, atingem-nos, mesmo quando acontecem a milhares de quilômetros do pequeno mundo onde nos movemos todos os dias. As sombras que marcam a história atual da humanidade tornam-se realidades próximas, tangíveis, que nos inquietam e nos desanimam. Sentimo-nos impotentes, incapazes de mudar o rumo das coisas. O futuro parece-nos sombrio e sem saída. A Palavra de Deus que hoje nos é servida abre, contudo, a porta à esperança. Reafirma, uma vez mais, que Deus não abandona os seus filhos que caminham na história e está determinado a transformar o mundo velho do egoísmo e do pecado num mundo novo de vida e de felicidade para todos os homens. A humanidade não caminha para o caos, para a destruição, para o sem sentido, para o nada; mas caminha ao encontro desse mundo novo em que o homem, com a ajuda de Deus, alcançará a plenitude das suas possibilidades. Como é que vemos e avaliamos a história dos homens? Acreditamos que o mal não triunfará e que a última palavra será sempre de Deus? Acreditamos que Deus fará surgir, das ruínas do mundo velho, um mundo novo, de alegria e de felicidade plenas?
- Os cristãos não leem a história atual da humanidade como um caminho sem saída; mas veem os momentos de tensão e de luta que hoje marcam a vida dos homens e das sociedades como sinais de que o mundo velho está a ser transformado e renovado, e que em seu lugar vai surgir um mundo novo e melhor. Isso faz dos discípulos de Jesus arautos e testemunhas da esperança. Certos de que Deus conduz a história de acordo com o seu projeto, os seguidores de Jesus não vivem dominados pelo medo, pelo pessimismo, pelo desespero, por discursos negativos, por angústias a propósito do fim do mundo... Os nossos contemporâneos têm de ver em nós pessoas a quem a fé dá uma visão otimista da vida e da história; pessoas que caminham, alegres e confiantes, ao encontro desse mundo novo que Deus nos prometeu. Sustentados pela fé, somos testemunhas da esperança? Os homens e mulheres com quem nos cruzamos são contaminados pelo nosso testemunho de confiança em Deus, pela nossa alegria serena, pela coragem com que enfrentamos as vicissitudes e as crises da vida?
- Deus é o Senhor da história, Deus é o arquiteto do mundo novo que irá surgir. No entanto, Ele associa-nos à sua obra e convoca-nos para trabalharmos ao lado d’Ele na concretização desse projeto. Os filhos e filhas de Deus não podem ficar de braços cruzados à espera que o mundo novo caia do céu; mas, enquanto caminham pela vida e pela história, são chamados a anunciar e a construir, com a sua vida, com as suas palavras, com os seus gestos, esse mundo que está nos projetos de Deus. Isso implica, antes de mais, um processo de conversão que nos leve a suprimir aquilo que em nós é egoísmo, orgulho, prepotência, exploração, injustiça (mundo velho); implica, também, testemunharmos objetivamente em gestos concretos, os valores do mundo novo: a partilha, o serviço, o perdão, o amor, a fraternidade, a solidariedade, a paz; implica, ainda, lutarmos sem desfalecer contra tudo aquilo que desfeia o mundo, que causa sofrimento e morte, que põe em causa a vida, a liberdade e a felicidade dos filhos e filhas de Deus. Aceitamos ser protagonistas, ao lado de Deus, na construção de um mundo mais justo, mais fraterno, mais humano, ou deixamo-nos arrastar passivamente, acomodados e instalados, aceitando que o mundo avance sem a nossa intervenção e sem o nosso testemunho de discípulos de Jesus?
- Esse Deus que não abandona os homens na sua caminhada histórica vem continuamente ao nosso encontro para nos deixar os seus desafios, para nos fazer entender os seus projetos, para nos indicar os caminhos que Ele nos chama a percorrer. Da nossa parte, precisamos de estar atentos à sua proximidade e reconhecê-lo nos sinais da história, no rosto dos irmãos, nos apelos dos que sofrem e que buscam a libertação. O cristão não vive de olhos postos no céu, à espera de uma comunicação especial de Deus; mas vive de olhos postos no mundo, para “ler” o que está a acontecer a cada

instante e para escutar os apelos que Deus lhe deixa a cada momento nos acontecimentos da história e nos factos corriqueiros de que é feita a nossa vida de todos os dias. Procuramos detetar os apelos e sinais que Deus nos envia e através dos quais Ele nos indica o que espera de nós? Procuramos manter-nos íntimos de Deus, dialogar frequentemente com Ele, escutar a sua Palavra, a fim de percebermos o plano que Ele tem para o mundo e para nós?

- Há uma realidade incontornável, que nunca podemos olvidar: apesar da ação de Deus e dos nossos próprios esforços para que o nosso mundo seja, a cada instante, transformado e humanizado, o mundo novo com que sonhamos e que está no projeto de Deus nunca será uma realidade plena nesta terra: a nossa caminhada neste mundo será sempre marcada pela nossa finitude, pelos nossos limites, pela nossa imperfeição, pelo nosso egoísmo, pelas nossas opções discutíveis. O mundo novo sonhado por Deus é uma realidade escatológica, cuja plenitude só acontecerá depois de Cristo, o Senhor, ter destruído definitivamente o mal que nos torna escravos. Estamos conscientes disso? Temos consciência de que caminhamos rodeados de debilidade e de finitude, mas que isso não pode enfraquecer o nosso compromisso, os nossos esforços, a nossa alegria, a nossa confiança em Deus? *in Dehonianos*

**Para os leitores:**

A ausência de palavras e expressões de difícil pronúncia não deve permitir descurar a atenta preparação das leituras.

Na **primeira leitura**, a proclamação deve ter em atenção a centralidade da última frase do texto que se apresenta como conclusão e mensagem principal da leitura, mas também como convite à esperança e luz que brota da prática da verdadeira sabedoria.

A **segunda leitura**, como nos Domingos anteriores requer um especial cuidado nas longas frases e com várias orações.

**I Leitura: (ver anexo)**

**II Leitura: (ver anexo)**